

*O CAMPO DOS AFONSOS*  
*WALTER CAMPI LAUS*

Quando trabalhava no jornal Movimento, em 1975-76, recebi o poema que se segue, de autoria de Walter Laus, contando em verso a revolta de 1935 no Campo dos Afonsos, sua fuga e a prisão subsequente. Quem me passou esse material foi Luís Bernardes, que, na época, vendia assinaturas para o jornal. Naqueles anos foi impossível publicá-lo, embora a idéia fosse essa. Vivíamos sob férrea censura prévia e póstuma, e um poema, mesmo poema, que relatasse de outro ponto de vista, que não o da direita, a revolta comunista conhecida indevidamente como “intentona” teria sua publicação vetada. Estávamos longe, muito longe dos doces tempos em que na Grécia, se divulgava um poema sobre a cólera de Aquiles que no fundo homenageia o inimigo Heitor, domador de cavalos, ou algo assim: vivíamos um tempo de cavalos à solta, e de domadores também. O poema ficou todo esse tempo em minhas gavetas, correndo de uma em uma todas elas. Mas agora acho que é a hora, como dizia Fernando Pessoa. Há uma introdução, que veio junto com o poema, de autoria dos amigos de Laus que, então, naquela época, queriam preservar a sua memória. Conseguiram.

Flávio Aguiar\*

**RESUMO:** Em verso conta-se a revolta de 1935 no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, quando partidários comunistas tentaram derrubar o governo de Getúlio Vargas e instaurar uma revolução socialista ou liberal no Brasil, ninguém sabia muito bem. O autor relembra seus momentos de combate, fuga e prisão.

**Palavras-chave:** Revolução, Comunismo, Afonsos, Versos, 1935, Brasil, LAUS.

---

(\*) Professor da Universidade de São Paulo.

Nascimento: 22/04/1915

Falecimento: 25/02/1977

Estado de S.P e J T de sábado ou domingo

Nasceu em S. Paulo (SP). Fez os estudos no Colégio S. Luiz

Em 1932, aos 17 anos, participou da Revolução de 32. Para se engajar precisou da autorização paterna porque era menor.

Aos 18 anos, em 1935 quando rebentou a revolta em 27/11/35 da qual participou como um dos revoltosos na condição de ALUNO.

Conseguiu fugir e ficou foragido até agosto de 36 quando foi preso pela Polícia Política de São Paulo e transferido para a Casa de Detenção no Rio de Janeiro.

Posto em liberdade por força de habeas corpus em 1937 continuou foragido até 1945, quando foi anistiado pelo Getúlio.

Nos anos em que fui ficou foragido esteve em vários estados Minas, Mato Grosso e interior de São Paulo, onde exerceu várias profissões: colhedor de arroz, capataz de fazenda, professor de escola rural, ajudante de pedreiro, etc.

Após anistiado cursou Madureza e ingressou em 1948 na Faculdade de Medicina de Pinheiros. Formou-se em 1953, tendo sido o orador da turma.

Fez internato e residência no Hospital das Clínicas. Trabalhou 10 anos no serviço de Moléstias Infecciosas ao fim dos finais não foi contratado como assistente como lhe fôra prometido. Transferiu-se para o Banco de Sangue onde ficou até adoecer em dezembro de 76.

Quando foi criado o Serviço de Moléstias infecciosas do Hospital do Servidor Público foi convidado para lá onde permaneceu até sua doença.

Nome Walter Campi Laus

Casado há 22 anos com

Theodosia Victoria Veomionka

LAUS.

1

Das coisas que eu vi no mundo,  
de muitas, muitas gostei;  
mas d'outras? Valha-me Deus!  
Porque é que existem, não sei,  
pois só depõem contra nós  
que humanos cismamos ser...

3

E' lindo ver-se nascer  
num hospital um bebê;

mas triste é vê-lo sem pai,  
coisa que muito se vê!

Alegre é ver-se um menino  
indo sadio para a escola;

é horrível vê-lo vadio,  
na rua, pedindo uma esmola!

Delícia é ver-se a mulher  
amando e inteira se dando;

nojento é vê-la ganhando  
num lupanar seu sustento!

4

Gostoso é ver-se o cuidado  
de um guarda a um velho guiando;

odioso é vê-lo nas greves,  
nas ruas, ao povo espancando

E quantas coisas eu vi,  
coisas de não se falar,

pois vão dizer que eu menti  
e num xadrês me botar...

(como já fizeram certa vez)

5

Foi em meados de agosto,  
do ano de trinta e seis,  
dia dezesseis, bem me lembro.

Estava em casa jantando  
quando bateram na porta  
e minha mãe foi abrir.

Seriam sete horas da noite.

Jantava sempre mais cedo,  
dali rumando pr'a escola,  
um curso de madureza.

Já estava na sobremesa  
quando bateram na porta  
e algo eu senti, um aviso,  
ou melhor, pressentimento  
de que seria por fim preso.

Já andava meio cansado  
da vida de foragido;  
pois desde os fins de Novembro  
do ano de trinta e cinco  
vivia eu como um rato,  
de buraco em buraco,  
sempre, sempre escondido;  
de casa saindo só à noite  
e usando sempre disfarces,  
pois era pela POLÍCIA  
POLÍTICA PROCURADO;

e o meu crime fora ter  
contra GETÚLIO lutado  
na Revolta dos AFONSOS,  
27 de Novembro.

6

Isso um dia...

27 de Novembro foi quiméra  
que jamais me arrependi de haver sonhado.  
Sinto sim, não ser mais hoje como eu era:  
sonhador d'um mundo novo a ser plasmado...

E amanhã cedo os jornais dos vencedores,  
pela trigésima vez consecutiva,  
cantarão daquele evento mil horrores,  
exibindo-se grandes mestres na inventiva:

Dirão, sem pejo, que nós, covardemente,  
rebeldes, matamos capitães, tenentes...  
maculando dos Afonsos a memória...

Mas eu, que fui testemunha e combatente,  
sei que os fatos se passaram diferentes  
e por isso vou contar a vera história...

(isso um dia, se me deixarem!)

26/11/1966

7

A minha casa ficava  
no Parque Pedro II.

Seria lugar sossegado  
se não houvesse o mercado  
enchendo a rua de ruídos.

Mas S. Paulo nesse tempo,  
por mais barrulho que houvesse,  
era pacata cidade  
se comparada ao que é agora.

Seriam sete horas da noite  
quando bateram na porta;

e eu cheguei mesmo a pedir,  
sofrendo o pressentimento:

- Espere, não abra mamãe!

Mas nem cheguei a explicar,  
pois a porta ela já abria,

e as caras feias surgiram  
d'um preto, e mais outro tira

branco, que foi lhe falando:  
- É aqui que mora fulano?

e descarados mentiram:

- Nós somos amigos dele,  
temos notícias do Rio,  
mas só as daremos a ele!

Eu podia também mentir;  
podia até mesmo fugir;  
mas é que estava cansado  
da vida de foragido.

8

E' vida bem desgraçada,  
não serve pr'a ser vivida!

E além do mais não sabia,  
nem de longe imaginava  
e que seria ser um preso

da Casa de Detenção,  
lá na rua da Relação;

e ainda tendo por Ministro  
da justiça do País  
um tal de Vicente Ráu;

e mais outro pulha, o Muller,  
Felinto, major maldito,  
como chefe de Polícia  
do Distrito Federal.

Hoje o tal é senador,  
como pode, meu senhor?

Fui condenado a seis anos;  
não tinha maioridade  
quando em arnas eu peguei;

era criança, um menino,  
mas por tal “crime” paguei!

E ele, quando meu senhor?  
Será que um dia pagará?

(Faltou alguém em Nuremberg,  
já disseram desse cara!)  
Talvez um dia se arrependa  
dos crimes que tolerou:

Matar a esposa do Prestes,  
que pr’a Nazismo entregou!

Matar o jofre da Costa  
dentro dum carro de preso,  
estando o pobre indefeso!

9

Torturar gente inocente:  
surrar, bater com borracha,  
queimar, ferir com cigarros,  
dar choques, arrancar dentes,  
morder os bicos dos seios,  
de mulheres inocentes,  
queimando-os com ferros quentes!

Arrancar unhas e a pele  
pr’a conseguir confissões,

enchendo o país de doentes,  
de dementes a nação;

pois raros foram os presos  
que ilesos saíram dali  
raciocinando e perfeitos,

do covil da Relação,

e das masmorras, das ilhas,  
das casas de Detenção,

que alguém, honrado o seu nome,  
e a classe a qual pertencia,  
- o ADVOGADO SOBRAL -  
pr'a defender torturados,  
na negra e obscura quadra  
em que viveu a Nação,  
citava somente as Leis  
de Proteção do Animal  
não se servindo das outras  
as do Código Penal...

10

que mãe corajosa eu tinha,  
e como sofria calada,  
jamais de mim se queixando;

e quanto trabalho lhe dei,  
moleque desavisado,  
cheio de idéias "malucas",

sempre querendo mudar  
as coisas podres do mundo.

(No dia que voltei do Rio,  
no fim da viagem a pé,  
ela chorou ao me ver  
chegar maltrapilho e sujo...)

Como deve haver sofrido  
quando os tiras me levaram:

Foi um triste bota-fora;

e em casa todos sentiram;  
(isso eu lia em seus rostos:  
- o sofrimento que houvera  
de repente se instalado  
no pequeno apartamento  
depois que os tiras entraram. -)



Indo pr'o quarto trocar-me,  
o negro me acompanhou.

Depois fui lavar os dentes,  
mas ao entrar no banheiro  
fui por ele precedido,

tendo olhado tudo antes  
com perícia de buldog,  
pr'a ver se não era truque,  
desejo meu de fugir,  
vontade de dar o fora...

11

Enquanto arrumava a mala,  
- camisas, meias, pijama-,  
um olhar triste eu via  
nos olhos da minha mana,

criança que ainda não tinha  
nem completado dez anos;

e com mamãe se abraçou  
todo o tempo que durou  
o arrumar das minhas coisas.

Depois chegou o meu pai,  
e foi sabendo os detalhes:  
quem eram os dois estranhos...

Calmamente me fitou  
enchendo-me de sua coragem:

- Não há de ser nada não!  
- Tudo, tudo passará!

foi o que então me falou.

Mas li sinais em seu rosto  
d'uma tristeza incontida:  
a de que era impotente

para livrar da cadeia  
o filho moço idealista  
que aqueles tiras levaram.

Beijei minha mãe e irmãos;

disse adeus a um cachorinho  
que morava ali conosco;

peguei da estante dois livros;  
seus nomes inda recordo:

12

eram “Vidas das Abelhas”  
e “Inteligência das Florês”,  
duas obras de Maeterlinck;

e segui pr’o elevador  
a caminho da prisão;

mas antes, olhando atrás,  
vislumbrei mamãe tristonha  
consolando a minha irmã...

13

Só o meu pai me acompanhou  
até a masmorra política  
onde passei triste noite  
num pestilento cubículo,  
as ordens do delegado.

Ao saírmos do apartamento  
os tiras nos indagaram  
se queríamos tomar carro;  
(seria só chamar um taxi,  
mas nós é que o pagaríamos).

Proferimos ir andando  
desde o Parque D. Pedro

até a rua Santa Efigênia  
onde ficava a masmorra.

E lá fui eu escoltado,

mas sempre tendo ao meu lado,  
galgando a forte subida,  
Ladeira Porto Geral,  
o meu tão sofrido pai,  
que pr'a dor já nem ligava,  
tantas e tantas desgraças  
ultimamente provava;

e essa seria só mais uma,  
mais uma peça pregada  
pelo malvado destino  
que há tempos o fustigava.

Assim, papai, conformado,  
de fato d'eu estar preso,  
ia comigo subindo  
devagarinho a ladeira  
enquanto me aconselhava,  
coisa que sempre fazia;

14

mas eu, parecendo ouvi-lo,  
na verdade longe estava,  
pois mergulhado ao passado  
pensava no qu'eu fizera,  
com medo do que viria  
agora que preso eu fora  
um preso da Ditadura...

E a ladeira galgando,  
subindo-a devagarinho,  
com meus botões matutava,  
lembrando a Revolução,

lembrando os colegas vivos:  
por onde andariam o Thomé,  
o Capistrano e o Olfeu?

e não esquecendo os mortos,  
também esses ia evocando:

Morrera o Ribeiro Filho,  
tiros de metralhadora!...

15

Era um sujeito decente,  
valente como ninguém!  
Morrera como almejara,  
lutando pelo Brasil...

Passara por minha cama  
e cochichando indagara:

-Tudo em ordem, companheiro?  
- Não está com medo, não?

Isso fora instantes antes,  
talvez nem cinco minutos  
do cerrado tiroteio  
que começou às três horas,  
na estrada da Enfermaria,  
dos lados da Rio-São Paulo...

Depois o encontramos morto,  
e o fora, claro se via,  
por querer pegar com unhas  
a quente metralhadora  
cujo cano fumegava...

Juntinho dele ainda estava,  
mãos presas na arma assassina,  
inda vivo, mas morrendo,  
c'os olhos esbugalhados  
e o peito "ornado" de balas  
o capitão que encontramos,  
Armando, assim se chamava...

Vejam o que me fizeram  
e eu estava com vocês!

Balbuciou moribundo,  
sendo depressa levado  
pr'as salas da Enfermaria.

16

(Ambos valentes perderam  
suas vidas moças ainda,  
lutando em lados opostos;

e ambos heróis se tornaram:

Até hoje o Armando é lembrado  
nas arengas celebradas  
anualmente nos Novembros,  
às vezes no Cemitério  
onde se encontra enterrado...

O outro, talvez que sua noiva,  
residente em Ouro Fino,  
guarde dele inda saudades,  
de JOSÉ RIBEIRO FILHO.

Era o ideal em pessoa!  
Na minha terra, dizia,  
matam o pobre de fome...)

17

Era a sangueira na sala,  
pelo piso esparramada;  
sangue da gente rebelde,  
dos corpos amontoados  
na entrada da Casa da Órdem...

Enchiam de horror o ambiente:

Ferindo uns, mortos outros,  
aqueles corpos jogados  
em desalinho no solo  
indicavam que a rajada

que os atingira, partira  
dos fundos do corredor,

pegando-os à queima roupa,  
mais de vintena talvez,  
e a todos desprevenidos...

Lembro de um corpo exibindo  
macabramente suas pernas  
não mais ligadas às coxas  
pois a rajada ceifara-as  
qual serra assassina fosse  
bem na altura dos joelhos.

E a coagulada sangueira,  
vertida das mil feridas,  
tingia de rubro vermelho  
da Casa da ordem o piso,  
enchendo-a toda de ativo  
odor que a gente inspirava  
com pena, com asco e medo.

Esse cheiro impregnou-me  
dos pés à cabeça inteiro,

e ainda no sítio em Nilópolis,  
para onde então nós fugimos,  
o meu olfato o sentia...

18

Jamais soube de quem era  
a linda herdade escondida  
e em laranjal camuflada...

(Quem sabe que talvez fosse  
ou devesse haver sido  
dos maiorais um abrigo,  
local bom pr'a se reunirem,  
os donos do meu partido).

Foi ali que nós ficamos,  
mais ou menos doze ao todo,

soldados, cabos, sargentos,  
que se levante escapamos.

Entre nós estava o Jofre  
e o mulato Joselito,  
um cabo do Regimento  
já meu velho conhecido  
dos encontros realizados  
aos sábados e feriados  
tramando a revolução...

No laranjal recebemos  
foi o curso pr'a Guerrilheiros;

e as aulas nos ministrava,  
dia sim, dia não da semana,  
um velho doido espanhol  
que cheio de orgulho ensinava  
pr'a nós, futuros soldados  
ou guerrilheiros vermelhos,

a arte de se preparar  
com dinamite enlatada  
as bombas de tipo caseiro.

19

Usando-se peridrol  
em cuidadosa mistura  
co'a evaporante acetona  
e mais ácido sulfúrico,

obtinha-se, filtrando,  
em baixa temperatura,  
uma esquisita mistura  
- o detonante infernal

cuja pitada somente  
do mortífero posinho  
bastava pr'a uma banana  
ou quilos de dinamite.

Idealistas todos nós,  
eu, o Jofre e os demais,

compenetrados fazíamos  
o que nos mandava o velho,  
(velho pr'a nós, muito jóvens,  
pois, todos na flor da idade  
estávamos, seus alunos).

Moramos alí quase um mês,  
até que a polícia um dia,  
de madrugada atacou-nos,  
isso em fins de Dezembro;

e a todos nós obrigou-nos  
deixássemos o esconderijo  
em fuga disciplinada.

E a culpa coubera ao cabo  
Joselito, que baiano,  
coisa rara, era burro.

Sendo noivo em Marechal,  
co'a jovem vivia sonhando;

a apesar do bons conselhos  
que de nós ele tivera,  
arriscou ir visitá-la,  
pois de saudades morria...

20

Mas a tal, vizinha sendo  
de um Quartel do Regimento,  
estava mui vigiada;

e o pobre nem a avistou,

pois antes foi agarrado  
e entregue pr'o Delegado,  
um tal doutor Belens Porto,  
que o "acarinhou" a valer,

dando-lhe tanta pancada  
que, fraco, não resistindo,



o esconderijo da gente  
camuflado em laranjal,  
nos subúrbios de Nilópolis,

ao Delegado mostrou...

21

Tendo o cabo Joselito  
saído pr'a namorar,

e há mais de um dia não voltando,

a turma de sobreaviso  
desde a véspera pensava:

“se o baiano não voltava,  
na certa fora agarrado...”

por isso, de prontidão,  
temendo, a gente se achava;

e já era madrugada  
quando latidos ouvimos  
junto a roncões de motores  
que a íngreme rampa galgavam  
fazendo esforço inaudito,  
pois na lama derrapavam...

Éramos nós bons soldados,  
em combates bem treinados;

tomamos pois posição  
pr'a defender o reduto,

e tínhamos munição  
de dar inveja aos quartéis  
(metralhadoras, fuzis  
e a dinamite enlatada,  
prontinha pr'a ser usada).

Se o portão eles cruzassem,  
- assim fora combinado -

seria a senha do abrir fogo  
pr'a acabar com os safados;

22

mas os pulhas, cautelosos,  
dali do portão recuaram;  
(Joselito os avisara  
das armas que a turma tinha...)  
esó dia claro voltaram,  
portanto de manhãzinha;

dando tempo pr'a que a gente  
o esconderijo deixasse,

levando o mais que pudéramos  
(só deixando o intransportável  
por volumoso ou pesado);

e a moamba que sobrava  
toda enterramos aos pés,  
à sombra d'uma jaqueira,  
(estopins e a dinamite  
e a farta literatura  
que nós comunista tínhamos),  
tudo em potes de cerâmica,  
com arte acondicionado,  
e após mui bem protegido  
contra a umidade do solo,  
lacrando-os com parafina...

E assim, espertos fugimos,  
após escondermos tudo;

e calmamente descemos  
de dois em dois a ladeira,  
coisa que fiz junto ao Jofre,

indo ele para um dos rumos  
da cidade que acordava,

dirigindo-me eu para outro;

e em casas de conhecidos  
camaradas do partido  
ficamos nós escondidos,

23

porém antes do “até breve”  
novo encontro combinamos;

todavia, no tal encontro,  
não o vi na Galeria,  
a da Avenida Rio Branco,  
local marcado pr’a tanto...

E foi nessa madrugada  
que pela vez derradeira  
com o Jofre me avistei;  
só tendo notícias dele  
macabramente depois  
de alguns meses transcorridos:

#### MORTO À BALA EM NILÓPOLIS

diziam as grandes manchetes  
dos vespertinos paulistas,

seguidas de pormenores:

Não se entregara com vida  
o PERIGOSO EXTREMISTA.

De início, nem a polícia,  
nem ninguém sabia quem era  
o moço ferido a bala  
que calado agonizava  
sangrando pelas feridas.  
Sua casa fora cercada,

e ao tentar furar o cerco  
acertaram-lhe sem pena  
vários balaços no corpo.

Morreu no carro de preso.

Só depois sua entidade  
foi no D.I. descobreta  
por prova datiloscópica:

24

JOFRE ALONSO DA COSTA.  
Vinte e seis anos somente...

Assim comentava a imprensa  
naquela tarde de junho;

mas tal história contada,  
com jeito estava arranjada,

pois ele fora ferido  
posteriormente à prisão  
que consta, correrá mansa,  
sem a mínima reação ..

mas pr'a polícia era o moço  
um perigoso extremista,

que há meses e seu Felinto  
encontrá-lo desejava,

pr'a fazer o que foi feito:  
tirar-lhe a vida com jeito,  
simulando tal reação.

De fato o Jofre já tinha  
uma história bem marcada  
nos arquivos da polícia:

Idealista cem por cento,  
entrara para a aviação  
pr'a pregar revolução.

Em vez da Escola de Guerra,  
preferiu a de Sargentos,

mas nem chegou a ser tanto,  
pois num comício pregando,

num largo da Madureira,  
pela escolta foi detido;

25

e desligado da Escola  
taxado de comunista;

e no levante foi visto  
lutando pela Aviação...

e logo após nos subúrbios  
foi várias vezes notada  
a sua valente presença,  
principalmente em Nilópolis  
onde o colheu o destino  
em Junho de 36...

Não tendo comparecido  
ao encontro combinado  
deixou-me o Jofre problemas:  
o de ficar sem contato  
com a gente do Partido.

Por isso vaguei no Rio  
semanas descontrolado  
fugindo após pr'a S.Paulo  
na companhia de um cearense,  
ex-soldado da Aviação,  
que encontrei também perdido,  
louquinho pr'a dar o fora.

Do Rio de Janeiro saímos  
após um mapa estudarmos  
do percurso que faríamos.

Seis horas seriam da tarde,  
isso foi no dia de Reis,  
quando embarcamos num trem  
do subúrbio da Central  
que escurecendo deixou-nos  
em Carvalho de Araújo.

Saltando do trem entramos  
no mato vizinho à estrada,  
para de roupa trocarmos;

26

e em caipiras disfarçados,  
tisonando de sujos os rostos,  
fingindo trabalhadores  
do novo a estrada pegamos,  
Linha Auxiliar da Central,  
rumando à pé pr'a S.Paulo;

e a noite inteirinha andamos  
ouvindo sempre os latidos  
dos cães vadios que assustados  
ladrando nos perseguiram...

e foi de roupa enxarcada  
(pois choveu a noite toda )  
que atingimos o local  
denominado Belém,  
(agrupamento de casas,  
todas modestas, vizinhas,  
junto da velha estação),  
aonde um cabo nos prendem.

Era um cabo da polícia  
que ao avistar-nos seguiu-nos  
de longe e bem de mansinho  
e alcançando-nos, pediu-nos:

- Quem são vocês? Pr'a onde vão?

Amedrontrado deixei  
que o companheiro nortista  
tal problema resolvesse,  
pois boa pinta de caipira  
e braçal trabalhador  
o jovem cearense tinha.

“- Nós procuramos trabáio!  
Tamos chegando de ali!

- Trabalhamos pr'a fulano,  
cujo serviço acabou..."

27

O tal fulano citado,  
um patrão imaginário  
que a gente nem conhecia,  
mas seu nome a gente lera  
escrito frontespício  
de loja, venda ou boteco,  
e seu nome decorara,  
como sempre se fazia  
ao passar por lugarejos,  
pois tal nome serviria-nos  
de prova de moradia  
onde havíamos trabalhado;

e, de fato, o cabo ouvindo  
o nome de um conhecido  
morador da redondeza,  
acabou por dar-nos crédito  
e a acupação arranjou-nos  
na fazenda de um amigo  
perto de Paracambi;

nos deu passagens de trem  
e nos pagou as despesas  
que fizemos no café...

Mas não sei porque razão  
nos entregou a um soldado,  
dizendo-nos, nos levaria  
até a fazenda do amigo...

e mais de uma hora ficamos  
à espera da condução,  
- trem pr'a Paracambi  
cujo trajeto faria-nos  
voltar atras novamente,

o que nós dois não queríamos,

28

pois ir para aqueles lados  
seria aumentar a distância  
que percorrer nós teríamos  
até chegar em S.Paulo;

e além do mais, seria mesmo  
só um emprego e o que nos dava?

Quem sabe a gente levando  
pr'a uma cadeia estivesse?  
Comentei com o cearense.

O cabo apesar de tudo,  
de tudo que tinha feito,  
era indivíduo suspeito,  
com cara de salafrário

mais certo seria fugirmos,  
deixar de sermos otários...

Por isso, entrando no trem,  
junto à porta sentamos,

bastanto o apito avisar  
que estávamos de partida  
para rápido saltarmos  
escondendo-nos no mato  
por onde andamos bom tempo

até de novo voltarmos  
a caminhar pela estrada,  
pisando aqueles dormentes  
que pareciam não ter fim,  
e de repente estacarmos  
frente a abertura dum túnel  
aonde nós lemos o aviso  
da proibição da passagem...  
de todo e qualquer estranho...



29

E meia volta tivemos  
de fazer até a estação  
mais próxima do lugar,

onde num trem embarcamos  
o túnel atravessamos,

e que muito bem nos fez,  
pois o medo nós perdermos  
de embarcar de quando em vez,

já que ninguém nos pediu  
identidade nenhuma.

Desde então, a todos túneis  
que surgiam a nossa frente  
era razão para o embarque  
num desses trenzinhos mistos  
de passageiros e cargas;

e assim, agora, sem medo,  
numa estação embarcávamos,  
descendo n'outra, nas próximas,  
fingindo caipiras fossemos  
e naturais de ali mesmo  
do Vale do Paraíba.

Ao todo, dezesseis dias,  
foi o tempo que gastamos  
até atingirmos S.Paulo,

pois a média que fazíamos  
era de uns trinta quilômetros  
andando de trem e à pé;

30

e peripécias vivemos  
tantas naquelas estrada,  
algumas tristes, safadas,

outras alegres, gozadas,  
e de muitas me recordo

como então me recordei  
enquanto sendo levado  
pelos tiras eu estava  
pr'a Casa de Detenção

e com tempo as contarei  
se o meu lazer permitir...

31

Dormir na estrada era fácil;  
comida arranjar difícil!

A gente andava o dia inteiro,  
só não nos dias de sol quente  
pois o calor nos torrava,  
debaixo do sol do Vale,  
nas margens do Paraíba.

À noite o cansaço vinha,  
sempre chegando mansinho;

e a gente então se animava  
junto da beira da estrada,  
sempre pertinho dos trilhos,  
vizinho da erva cidreira,  
pegando logo no sono...

Se o trem passasse acordava  
a gente que nem ligava  
pr'o barulho que fazia  
ao tremer toda a estrutura,  
mistura de aço e madeira  
do monstro resfolegando  
que vinha e logo sumia,

soprando na gente o vento  
que na passagem fazia...

Certa feita acesa faísca  
saltando de sua fomalha  
os trens só carvão queimavam  
queimou sem pena o cearense  
que mui furioso acordou

32

já que além da dor sentida,  
sonhava, me confessou,  
com sua casa que deixara  
havia tempo no Ceará...

Xingou o trem de malvado,  
de filho não sei de quem,  
talvez pensando em alguém  
responsável por sua sina,

a de estar sofrendo agora  
na fuga d'uma cadeia...

Leonidas era o seu nome,

e nada de mal fizera;

somente cumprira as ordens  
que lhe haviam dado afinal:

- Vamos rapaz, faça fogo  
que estão atacando a Escola!

assim gritava o tenente.

(E quem pode discutir  
as ordens por estas dadas?

Soldados cumpre-as somente  
e recusá-las não pode!

São estes sempre infalíveis  
pois lhe pertencem a bola!

No Exército assim se aprende!

33

Coitado de quem se recusa!  
Verá cadeia na frente!

Soldado obedece as ordens  
sem nenhum direito ter  
d'indagar porque lh'as dão.

E' obedecer e mais nada!

Desacato é não cumprí-las,

e os castigos não são poucos,  
reza o RISG do QUARTEL!)

Por isso ele se esbaldara  
mandando o fogo sem dó;

talvez matando até houvesse  
os que atacam a Escola;

mas culpa tinha nehnuma!  
Foi isto que lhe ordenaram:

- Faça fogo seu Ceará!  
- Atire bem pr'a matar!

E agora, destino ingrato,  
estava ele alí penando  
a caminhar pr'a São Paulo.

Ia conhecer novas terras  
e estava também com fome...

34

Comer era mais difícil  
pois que o receio impedia-nos  
d'entrar em certos lugares  
onde arranjar se pudesse

um lenitivo pr'a fome  
que sempre andava conosco.

Em Belém fomos presos  
quando um café desejamos  
no bar da estação tomarmos.

Andáramos toda a noite  
num jejum dos mais completos,

por isso mortos de fome  
e tiritando de frio  
entramos na povoação;

e vendo a dona do bar  
atendendo a freguesia,  
na maioria operários,

pedimos-lhe nos servisse  
um, desjejum bem quentinho,  
café com leite e um pãozinho;

e mastignado-o já estávamos  
quando a polícia abordou-nos:

- Quem são vocês? D'onde vêm?...

Agora a gente evitava  
com razão as povoações  
que no caminho encontrasse:

ou se tomava o subúrbio,  
o trem caipira chamado,

ou de longe se passava  
deixando a linha do trem

sempre evitando a polícia  
que toda cidade tem.

Por isso comer um bife,  
ou um prato de feijão,  
foi banquete que tivemos  
somente em casa, ao chegarmos,  
isso já em fins de Janeiro.

A nossa alimentação  
durante o duro percurso  
foi várias vezes espiga  
roubada dos milharais;

ou a banana nanica  
catada nos bananais;

e às vezes copo de leite  
de vaca na hora ordenhada,

pois muitos foram os sítios  
por onde nós mendigamos,  
sempre fingindo querermos  
encontrar ocupação,  
qualquer emprego que fosse  
coisa que nunca aceitamos;

nosso querer era outro:  
terminar breve as andanças...

Portanto, frequentemente,  
nem bem raiasse inda o dia,

a gente já se encontrava  
a caminhar pela estrada,  
fugindo da prisão sempre;

e o solo duro era a cama  
que se arrumava à noitinha,

um arremedo de leito,  
feito de mato, de grama,  
de capim erva cidreira

que vicejava na estrada,  
nos arredores da linha;

e de agasalho se tinha  
a velha capa de chuva  
que acorbertava a nós ambos  
do frio que as noites surgia;

e com tal cama tão dura  
o nosso corpo cansado  
sempre acordava quebrado,  
dores ósseas, musculares  
as dores que nos tiravam  
do leito de manhãzinha,

Já disse dezesseis foram  
os dias que nós consumímos  
para chegar a Mogí;

e nessa Estação pegamos  
um trem de trabalhadores  
que partia dali às seis;

e confundidos com eles,  
passando por operários  
na Estação do Braz descemos;

e dela, tomando um bonde,  
chegamos por fim em casa,  
no Parque Pedro II,  
onde meus pais residiam.

37

Surpresa foi pr'a meus pais  
que alegres nos receberam  
pois há mais de um mês não sabiam  
por onde diabo andaria  
aquele filho travesso  
de quem os jormais falavam  
mentiras do arco da velha...

De fato muito acusado  
pelos colegas eu fora;

e não os culpo por isso!

Se a gente tem de acusar  
alguém para se livrar  
dos tiras desapiedados,

a gente lembra dos mortos  
e também dos foragidos,

culpando-os por todos feitos  
e fatos acontecidos.

Daí o ter sido lembrado  
por aqueles que apanharam,  
mártires, para contarem  
o que sabiam e o que não...

Para os meus pais sossegarem  
dia seguinte parti  
em busca de segurança,

deixando em casa o cearense,  
pois papai lhe arranjará  
fácil fácil um emprego.

A atuação dele na Escola  
nem sequer fora notada

38

e nenhum risco portanto,  
corria ficando em São Paulo.

Assim, despedi-me dele,  
e com um tio e um irmão  
embarcamos para Santos,

fugindo à perseguição  
dos tiras da Ditadura,



que aquele instante já estavam  
cogitando da captura  
de todos os foragidos.

De Santos, na mesma tarde  
um naviozinho levou-nos  
a conhecer os recantos  
que nem em sonhos sonhara  
existissem nesta terra.

Primeiramente a cidade  
foi pr'a mim grata surpresa  
ao avistá-la de longe,  
de bordo da embarcação  
denominada Itaipava:

Era harmonioso conjunto  
onde um velho casario  
com soberbia se alinhava  
misturado co'as palmeiras  
que todas reais, elegantes,  
tinham suas copas ao nível  
da grande torre da Igreja;

num plano aquém, que beleza  
do tombadilho avistava-se  
a cor morena da areia  
que as águas calmas beijavam;

e além, formando o horizonte,  
em plano já bem distante  
a serra do mar se via,

39

linda, inteira vestida  
pela mata exuberante...

- Puxa, que quadro mais belo!  
comentei cheio de espanto.

Não a imaginava assim  
dona de prédios tão belos,

e alguns deles tão soberbos,  
como o Sobradão do Porto  
com suas portas e janelas,  
ao todo vinte e uma delas  
representando os Estados...

Do navio fomos pr'a praia  
transportados pela barca,  
melhor dizendo, piroga,  
que dois caiçaras guiavam,  
pois nem porto, nem trapiches  
pr'a desembarque existiam;

e da embarcação à terra  
nos carregaram no colo  
para que os pés não molhassemos.

Depois, da prainha à cidade,  
ou melhor, ao nosso hotel,  
caminhamos morro acima  
e morro abaixo bom trecho  
por estradinha bucólica  
cheirando selvatiqueza,  
isto até a altura das pontes  
que atravessavam o rio,  
rio da cidade chamado,

o mesmo que viu Anchieta  
compondo versos na praia,  
conforme diz-nos a história.

40

Já dentro da povoação  
melhor pude observar  
a centenária cidade:

Era Ubatuba um presépio  
perdido no Litoral;  
com casas velhas, caíndo,  
na maioria destelhadas,  
no tempo se consumindo,

rememorando o passado  
de grandezas bem vividas  
durante os tempos do Império,  
quando por lá transitava  
toda a riqueza do Vale  
do Paraíba e de Minas,  
principalmente o café...

Uma semana bastou-me  
pr'a sua história conhecer  
nas conversas que mantinha  
à noite, frente ao hotel,  
da Praça da Exaltação,  
com seu Albino, o hoteleiro;

ou então com seu Filhinho,  
farmacêutico da esquina;

quando não com o prefeito,  
o dentista Simoneti.

Sua história farta de feitos  
cheia de faustos e brilhos,  
pois fora outrora a mais rica  
cidade deste São Paulo  
e por dois anos, primeira,  
em rendas no rico Estado.

Diariamente, do planalto,  
desciam burros carregados,  
transportando a rubiácea,

41

e da prainha,- apontavam  
os que os fatos me narravam,-  
partiam pr'os portos do mundo  
grande riqueza em café.

Depois, da estrada de ferro  
ligando o Planalto a Santos,  
começou a definhar;

e de há muitos anos já  
abandonada e esquecida  
modorrava a povoação...

Agora, triste verdade,  
somente de vinte em vinte  
dias um navio lá aportava,  
mas quase sempre vazio  
de passageiros e cargas;

e quando dele desciam  
alguns forasteiros novos  
como nós três o fizemos,  
eu, meu irmão e meu tio,  
havia festa na cidade  
e sorrisos pelas ruas,  
pois as moças casadoiras  
teriam com quem namorar,

já que os homens quase todos,  
na idade de trabalhar  
emigravam pr'a outras terras  
deixando as pobres sozinhas  
sem terem com quem casar...

Que dias passei eu ali!  
Que paraíso na terra!

42

E isso em seguida as refregas;  
após passada a tormenta  
das lutas dentro da Escola;  
depois dos dias, foragido,  
sempre temendo ser preso;

viajando à pé sob trilhos  
me alimentando de espigas;  
dormindo à beira da estrada...

Depois do embarque no porto  
de Santos, num naviozinho,

usando um nome fictício  
com medo de ser notado  
por um beleguim qualquer...

43

Que paraíso na terra!  
que sossego lá desfrutei  
hóspede de seu Albino  
e sua mulher Idalina

duas criaturas notáveis,  
que não tendo tido filhos,  
faziam dos hóspedes seus,  
os raros que lá apareciam,  
(nem talvez uma dezena,  
uma dezena por mês),  
seus parentes mais chegados,  
tratando-os como enteados,  
ou como filhos seus fossem,

dando-lhes farto conforto  
e tudo por seis mil réis,  
só seis mil réis a diária.

E como alí se comia:

coisas da terra e do mar,  
peixes, frangos, camarões;  
um feijão bem temperado:  
de quando em vez uns leitões;  
e as frutas mais variadas:  
bananas, abacaxis,  
abacates e mamões;  
e mais aquelas silvestres:  
pitangas adocicadas,  
bacúparis a araças;  
além de doces, frequentes,  
doces de coco e goiaba  
que com classe ela fazia,  
a esposa de seu Albino...

Que paz a gente gozava  
naqueles ermos lugares  
quase que desabitados  
e por isso parecendo

44

ainda morada dos índios,  
tal o abandono existente:

praias e praias inteiras  
sem nem sequer um caiçara,  
sem nem sequer uma casa,  
uma tapera que fosse;

depois do mar, mataria;  
só isso é o que a gente via.

Além do branco das praias,  
entrando-se mato à dentro,  
a gente tinha a impressão  
de ir encontrar pela frente  
os primitivos tamoios,  
tanto sossego ali havia...

Que paraíso na terra!  
Chovia e a gente nadava  
deixando o corpo boiando  
gostoso nas mornas águas;

somente o rosto pr'a fora,  
olhando as gotas descendo  
do céu em pingos brilhantes  
que ardiam na cara da gente  
com tanta força caíam...

Chuva que vem de repente;  
às vezes chove e faz sol,  
não dando tempo pr'a gente  
dos pingos dela fugir,  
tão depressa ela aparece,  
aquela chuva gostosa  
que chamam-na de verão;

que chega e logo se some,  
só vindo regar as plantas  
a arrefecer o calor  
naquelas horas mais quentes,  
vizinhas do entardecer;

## 45

Chuva que vem diariamente,  
só raramente não vem,  
faz parte do clima ameno  
reinante nesses lugares;  
lugares de praias lindas,  
praias de areias tão claras  
e d'águas mais claras ainda;  
praias de tantas belezas  
sendo impossível que existam  
noutros lugares do mundo  
praias tão belas assim...

Foi nesse trecho da terra,  
nesse pedaço paulista  
chamado litoral norte,  
que para o Rio se prolonga  
chegando até Paratí,

que Deus se esmerou na obra  
de juntar mar e montanhas,  
o azul do céu com as matas  
de cores verdes e d'outras,  
as cores das muitas flores  
que vicejam por ali:  
o roxo das quaresmeiras,  
o amarelo das caqueras,  
dos ipês, das primaveras  
e uma porção d'outras cores...

Tudo, tudo Ele juntou,  
talvez querendo mostrar  
as descrentes Seu poder  
a Sua força de criar  
coisas belas, maravilhas.

E tudo foi feito ali,  
nas terras de Cunhambebe,  
Município de Ubatuba,  
vizinhas de Paratí...

46

Depois veio o carnaval;

um carnaval diferente  
que, confesso, nunca vira,  
nem ouvira alguém contar:

brincava-se com limões,  
só custavam doi tostões;

eram bolotas de cera,  
por dentro cheias de cheiro,  
algumas d'águas somente;

e com elas se brincava  
se atirando uns aos outros,  
monhando na brincadeira  
a roupa dos que passavam.

Um carnaval divertido,  
inocente e primitivo;  
de épocas não mais lembradas;

os bois dançando nas ruas  
brincando o “bumba meu boi”,

e as fantasias dos caiçaras,  
feitas com trapos, com panos,  
completando-se nas máscaras  
confeccionadas com meias  
que escondendo as cabeças  
disfarçavam magros rostos,  
rostos pelo sol curtidos  
e do sol enegrecidos.

Eram pobres caiçarinhas  
que atrás dos falsos bovinos,



sempre gritando e pulando  
tocavam os bois pr'a frente,  
pr'o meio da multidão  
que ria, gozava e aplaudia

47

os pinotes e trejeitos  
do animal confeccionado  
com panos velhos também,  
mais papelão e taquaras,  
além dos chifres legítimos  
duma caveira de boi.

Dois caiçaras, uma na frente  
e outro atrás colocados,  
ambos debaixo do boi,  
carregavam a armação  
pr'a frente, pr'a trás, pr'os lados,  
pr'a cima da multidão  
que ria, gozava e aplaudia  
a inocente brincadeira  
dos velhos tempos de antão.

Que paraíso na terra!  
que dias gozei eu ali!

Mas como o bom dura pouco,  
ou melhor, não dura nada,  
depois de uns tempos voltamos  
novamente pr'a São Paulo;

e fui aos pouco perdendo  
o medo de andar zanzando  
pelas ruas da capital;

e estava então estudando  
num cruso de madureza  
quando alguém me descobriu.

48

Às vezes fico com pena  
das pessoas de quem falo  
e pulo então certos fatos.

E' pudor, defesa mesmo,  
defesa da própria espécie  
que assim em mim se revela;

mas dele devo falar!  
do cara que me prendeu,  
ou melhor denunciou-me  
entregando-me à Polícia.

Revejo-o no alojamento,  
num canto, o verme a rezar  
e a Deus pedir proteção.

Seu medo nojo inspirava...

e quando me viu ajoelhou-se,  
pr'a quase em prantos pedir-me  
que dele eu me apiedasse  
e nenhum mal lhe fizesse;

e meu escravo seria  
pr'o resto da vida dele...

Era indivíduo safado,  
integralista de escól,  
vergonha da Oitava Turma  
de Sargentos Aviadores.

Não foi expulso da Escola  
e nem sequer desligado  
como foram os demais  
Oitenta alunos ao todo.

Só restou ele, capacho!

Não vou declinar seu nome;

me basta citar o fato  
para que fique na história.

Perdoá-lo ainda posso,  
mas esquecê-lo jamais!

Deviam passar já das quatro  
e a Escola se defendia  
das forças que de Deodoro  
maçadamente atacavam  
com peças de artilharia,  
cujas granadas caíam  
uma após outra nos alvos,

quando eu, entrando no prédio,  
fui encontrá-lo rezando  
e dele fui me apiedando:

- Não tenha medo poltrão!  
- Ninguém o irá molestar!

e lhe entreguei um fuzil  
para que se defendesse  
caso alguém o molestasse.

Até escapar poderia,  
pois nem vigiado se achava;  
dele ninguém se lembrava;  
era um fósforo apagado,  
não cheirava nem fedia!

Sua valentia prometida  
em famosos comentários:  
(que acontecia, que faria  
contra as idéias vermelhas,)  
acabou naquele quadro  
só exibindo covardia;

e toda empáfia perdera.

50

Já não era mais um galo,  
um galo verde cantando,  
mil bravuras arrotando  
como dias antes fazia...

Deu-me dó vê-lo implorando,  
vilmente se retratando  
de tudo quanto dissera,  
de tudo quanto fizera;

e estava agora dizendo:

que falara só brincando;  
que era um amigo deveras,  
amigo nosso da esquerda  
cuja vitória almejava...

Depois, serenado os ânimos,  
quando a revolta acabou  
e todo mundo fugiu  
e o fogo inteiro findou,

ele em herói se tornou  
e à Deus e ao diabo acusou:

Este fizera misérias,  
aquele aquilo fizera;  
este prendera fulano,  
fulano assim procedera;  
este arrombara o depósito  
e aquele atirara neste...

e como se não bastasse,  
ele mesmo andou buscando  
dezenas de foragidos;

e num tira se tornando,  
fora do Rio foi viajando  
e até São Paulo ele veio;

e foi quem me descobriu;

e a mim e a outros colegas  
entregou aos beleguins.

Isto é o que contam suas cartas  
que, mentecapto escreveu,  
confessando que o fizera.

Em sua opinião o fascismo  
de mãos dadas ao nazismo  
já eram os donos do mundo;  
e ele podia confessar  
os seus atos de bravura...

E assim foi que me prenderam  
Estava em casa jantando,  
quando bateram na porta  
e minha mãe foi abrir.

Seriam sete horas da noite  
do dia dezesseis me lembro  
Agosto de 36.

**ABSTRACT:** It is told in verse the facts about the revolt in Rio de Janeiro, 1935, in the Air Force's Campo dos Afonsos, between the government of Getulio Vargas and the communist partisans which wanted to install a socialist or liberal régime in Brazil: at that time no one would say perfectly what the difference was. The author remembers the facts about the fighting, the escaping and emprisonnement.